

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

# Cultura de cancelamento na cena política: formas de agenciamento na circulação digital dos discursos

João Victor S. Carvalho

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.14182>

Submetido em: 2025-11-18

Postado em: 2025-12-11 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A moderação deste preprint recebeu o(s) endosso(s) de:

- Silmara Dela Silva (ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5231-6662>)
- Evandra Grigoletto (ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1458-0491>)

## CULTURA DE CANCELAMENTO NA CENA POLÍTICA: FORMAS DE AGENCIAMENTO NA CIRCULAÇÃO DIGITAL DOS DISCURSOS

### CANCEL CULTURE IN THE POLITICAL SPHERE: MODES OF AGENCY IN THE DIGITAL CIRCULATION OF DISCOURSE

João Victor da Silva Carvalho  
Universidade Federal de Pernambuco  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3811-2983>

**Resumo:** Dizer do engendramento da materialidade digital (Gallo, 2019) nas condições de produção do discurso na contemporaneidade é uma tarefa incontornável na esteira de compreender o lugar das mídias digitais nos processos de significação e as determinações que essa materialidade enseja nas formas de ver e interpretar o hoje. Nessas condições de enunciação, o dizer de si - através de stories, lives ou outras formas de textualização digital - tornou-se um ato de influência, que faz trabalhar formas de engajamento e agenciamento dos sujeitos que se inscrevem na audiência de personalidades midiáticas. Dentre as práticas discursivas emergentes dessa conjuntura de digitalização dos afetos, sobressalta-me a prática de cancelamento, sintoma e efeito que apontam para o desejo (do sujeito-cancelador) de interdição de uma determinada posição (do sujeito-cancelado) no discurso. Neste trabalho, alicerçado na Análise do Discurso Materialista, retorno às discussões de Michel Pêcheux sobre as modalidades de subjetivação (Pêcheux, 2014) para sustentar a interpretação de que o cancelamento se estabelece na tensão entre a tomada de posição do sujeito-enunciador (relação com a formação discursiva) e o que a sua audiência regula que pode/deve ser dito. Assim, me direciono pela argumentação, percebida como um modo de “sustentação de sentidos em processos de significação, estruturando-se ideologicamente em uma formação discursiva (e não outra).” (Orlandi, 2023, p. 52). Na esteira metodológica, parto do movimento de descrever e interpretar (Pêcheux, 2015), para analisar recortes de uma live de Jojo Toddynho no Instagram, realizada em Setembro de 2024, orientando-me, no plano analítico, pelas seguintes questões: I. Quais lugares de enunciação (Zoppi-Fontana, 1999, 2017) são mobilizados no dizer de Jojo Toddynho? II. Quais posições são sustentadas ideologicamente na textualização da live? III. Como percebo a chegada do efeito de cancelamento sobre a posição enunciada no discurso de Jojo Toddynho na live? No horizonte, portanto, delineia-se uma possibilidade de pensar os movimentos de cancelamento inscritos na Midiocracia, termo de Byung Chul-Han (2022, p. 29) para explicar que “o entretenimento é o mandamento supremo, ao qual também a política se submete”, e, dessa forma, produz efeitos no campo da política, no percurso de sujeitos e sentidos e compoando transformações na malha democrática, cada vez mais afetada pelos performativos político-digitais.

**Palavras-chave:** Cultura de cancelamento; Influenciador digital; Discurso político; Circulação digital.

**Abstract:** Discussing the engendering of digital materiality (Gallo, 2019) in the conditions of discourse production in contemporaneity is an unavoidable task when seeking to

understand the place of digital media in meaning-making processes and the determinations this materiality imposes on how we see and interpret the present. Under these enunciative conditions, self-discourse—through stories, livestreams, or other forms of digital textualization—has become an act of influence that activates modes of engagement and agency among subjects who inscribe themselves in the audience of media personalities. Among the discursive practices emerging from this conjuncture of the digitalization of affects, the practice of cancellation stands out to me as a symptom and effect that points to the desire (of the canceling subject) to interdict a given position (of the canceled subject) within discourse. Grounded in Materialist Discourse Analysis, this paper revisits Michel Pêcheux’s discussions on modalities of subjectivation (Pêcheux, 2014) to support the interpretation that cancellation is established in the tension between the subject-enunciator’s taking of a position (in relation to a discursive formation) and what their audience regulates as sayable or unsayable. I therefore orient my analysis through argumentation, understood as a mode of “sustaining meanings within signifying processes, ideologically structured within one discursive formation (and not another)” (Orlandi, 2023, p. 52). Methodologically, I follow the movement of describing and interpreting (Pêcheux, 2015) to analyze excerpts from an Instagram livestream by Jojo Toddynho, broadcast in September 2024, guided analytically by the following questions: (I) What enunciative positions (Zoppi-Fontana, 1999, 2017) are mobilized in Jojo Toddynho’s discourse? (II) Which positions are ideologically sustained in the textualization of the livestream? (III) How can we perceive the emergence of the cancellation effect on the enunciated position in Jojo Toddynho’s discourse during the livestream? On the horizon, then, emerges a possibility of reflecting on the movements of cancellation inscribed in “Mediocracy,” a term used by Byung-Chul Han (2022, p. 29) to explain that “entertainment is the supreme commandment, to which politics also submits.” In this way, such dynamics produce effects in the political sphere, affecting the trajectories of subjects and meanings and contributing to transformations in the democratic fabric, increasingly shaped by political-digital performativity.

**Keywords: Cancel culture; Digital influencer; Political discourse; Digital circulation.**

A arte de anestesiar as resistências, de absorver as revoltas no consenso e de fazer abortar as revoluções fez certamente grandes progressos. Mas tudo isso não deixa de trabalhar menos sob o assujeitamento: é antes a capacidade de ouvi-lo que persiste em fazer falta politicamente.

(Michel Pêcheux, *Foi propaganda mesmo que você disse?*)

Nas últimas linhas do texto “*Foi propaganda mesmo que você disse?*” Michel Pêcheux deixa a lição de que é preciso investir na escuta da interpelação ideológica, sendo esse um dos caminhos que ele deixou para que nós, analistas do discurso, pudéssemos *fazer falta*. *Falta*, que entendo como lugar de movência de sujeitos e pesquisadores, espaço lacunar que se produz em nossas questões, em nossos objetivos e principalmente no objeto que nomeia nossa prática. Neste trabalho, sustentado a partir

das articulações teórico-metodológicas da Análise do Discurso (AD), proponho-me a ensaiar esse gesto de escuta do assujeitamento, buscando interpretar um recorte específico da relação entre a visibilidade das mídias com a cena política brasileira, observando o efeito de cancelamento, e como ele pode ser mobilizado na disputa política nas redes sociais digitais.

Parto da compreensão que o cancelamento pode ser mobilizado no jogo político das redes sociais tanto pela direita, como pela esquerda, pois consiste numa estratégia discursiva em que a *argumentação* é ideologicamente estruturada (Orlandi, 2023), o que me permite localizar o cancelamento no interior das táticas de guerra ideológica, no sentido que Pêcheux as define, enquanto “operações midiáticas de massa desenvolvidas pela grande burguesia multinacional contra tudo que resiste a sua política” (2015, p. 73).

Nesse ínterim, acolho as seguintes questões para problematizar o cancelamento enquanto prática discursiva: *Qual a relação do cancelamento com a política? Quando um influenciador é cancelado, quais argumentos são mobilizados? Quais formas de identificação são resultantes do cancelamento?* Na expectativa de discutir os aspectos evocados pelo material analisado em face dessas questões problematizadoras, o presente trabalho organiza-se em: Uma breve introdução que apresenta a temática proposta e o objetivo do artigo; uma espaço de fundamentação teórica dedicada a pensar na relação entre texto/discurso e materialidade/discursividade; segue-se com uma proposta para compreender o papel do influencer digital nas mídias digitais atuais; seguido das análises de publicações de Jojo Todynho no Instagram; e, por fim, as considerações finais, que encaminham a reflexão para um posição crítica.

### **Um olhar para teoria: Discurso e Texto**

Parto da compreensão de que *discurso* e *texto* são contrapartes do processo de simbolização que captura o sujeito. Orlandi (2020, p. 23) afirma: “o texto é uma peça de linguagem, uma peça que representa uma unidade significativa”. Entender o texto enquanto peça de linguagem aponta para suas engrenagens, uma ordem de funcionamento própria na qual a textualidade relaciona-se não com modelos composicionais ou regras internas, mas aos princípios de significação pelos quais o sentido textualiza-se. Ou seja, recusa-se a dicotomia na qual o texto serve de veículo para informação (forma-conteúdo). Pois,

Dizer de diferentes maneiras produz diferentes sentidos, estabelece diferentes referências imaginárias. E isso importa muito! [...] A forma de dizer, o significante, é a base sobre a qual os sentidos se produzem, em diferentes condições. E por isso a inspiração deve ser entendida como um processo relacional entre

significantes, e entre significantes e significados na história. A autoria se produz, portanto, no trabalho com o significante, delimitando textos. Um trabalho em que as condições de produção são determinantes. (Lagazzi-Rodrigues, 2017, p. 96-97).

O texto, tomado na perspectiva discursiva, é pensado sempre na relação com outros dizeres, e entendido como objeto histórico (Orlandi, 2020), oriundo do trabalho de interpretação de sujeitos (autores e leitores) na demarcação de fronteiras de sentido. A partir da teorização de Orlandi, compreendo que ao levar em consideração a relação do texto com outros textos, suas condições de produção e sua exterioridade constitutiva (memória e historicidade), transborda a noção de texto enquanto objeto fechado. Dito de outro modo, na sua relação com o discurso, o texto deixa de ser um objeto linguístico de dimensão superior à frase e torna-se uma unidade complexa pois, embora sua representação produza um efeito de unidade (início, meio e fim), sua estruturação se dá pela incompletude (falta) e inacabamento (abertura à interpretação). Assim,

A AD está interessada no texto não como objeto final de sua explicação, mas como unidade que lhe permite ter acesso ao discurso. O trabalho do analista é percorrer a via pela qual a ordem do discurso se materializa na estruturação do texto. [...] Quando se trata de discurso, não temos origem e não temos unidade definitiva; Um texto é uma peça de linguagem de um processo discursivo muito mais abrangente. (Orlandi, 2020, p. 61-62).

Tomando como válido tudo quanto precede, entendo ser possível afirmar que ao pensar nas práticas discursivas da cultura de cancelamento, extrapolo o exercício definidor, apoiando-me na interrogativa “de como se põe um discurso em texto?” (Orlandi, 2020, p. 61). Dito de outra forma, por que podemos apreender um único discurso funcionando em textos das mais diversas naturezas? E, especificamente, por que o cancelamento pode ser discursivizado nas mais diferentes formas? Para responder a essa questão, recorro ao prefácio da obra *Discurso e Texto*, intitulado *Corpo do texto, vida da linguagem*, no qual Eni Orlandi postula que

Os processos de produção do discurso implicam três momentos igualmente relevantes:

1. Sua constituição, a partir da memória do dizer, fazendo intervir os contextos histórico-ideológico mais amplo;
2. Sua formulação, em condições de produção e circulação específicas e
3. Sua circulação que se dá sem certa conjuntura e segundo certas condições. (Orlandi, 2012, p. 9)

Importa pensar a relação texto/discurso em seus momentos de constituição, formulação e circulação por entendermos que os discursos funcionam socialmente, marcados pelo “confronto do simbólico com o político” (Orlandi, 2012, p. 9) pois “o corpo do sujeito e o corpo da linguagem não são transparentes” (p. 10), e como consequência dessa assertiva, discurso e texto são pensados numa relação de corporalidade, pois o texto dá corpo ao discurso, não de modo direto, mas como um circuito em que a um só tempo a interdiscursividade ganha corpo (matéria) na intradiscursividade. Ainda para Orlandi (p. 12), “embora o texto se apresente, para o analista, como unidade imaginária, enquanto manifestação material concreta do discurso, ele se oferece como um excelente observatório do funcionamento do simbólico”.

Desse modo, entendo que o eixo da constituição é o que está mais distante da enunciação dos sujeitos, pois, como já afirmei mais acima, é trabalho da FD dissimular a existência do interdiscurso. Para Jean-Jacques Courtine (2009, p.74), “o interdiscurso é o lugar no qual se constituem, para um sujeito falante, produzindo uma sequência discursiva dominada por uma FD, os objetos pelos quais o sujeito enunciator vai dar coerência a sua declaração.” A constituição, está relacionada com o recorte que uma FD faz do todo saturado de significações representado pelo interdiscurso. O recorte realizado pela formação discursiva captura apenas fragmentos, partes de um todo incapturável que é o eixo da constituição dos sentidos. Não é possível para a FD abarcar todos os sentidos do interdiscurso, uma vez que este relaciona-se, pela via do simbólico, a um funcionamento anterior, amalgamado ao inconsciente. Portanto, em consequência dessas leis de estruturação, o analista de discurso não chega plenamente ao interdiscurso de uma Formação Discursiva, mas aos sentidos por ela já recortados e significados em uma formação social dada; com efeito, é sobre os pontos que marcam a relação da interdiscursividade na formulação que trabalha o gesto de interpretação do analista.

Já o eixo da formulação, como o entendo, é o lugar privilegiado para flagrar o movimento discursivo entre o linguístico, o histórico e o ideológico. É formulando que o sujeito diz e se diz, trabalhando os espaços dissimétricos das/nas línguas e inscrevendo-se no simbólico, lugar da relação entre texto e autor, no qual o sujeito do discurso ocupa (imaginariamente) a origem do dizer. É preciso, conforme Courtine (2009), que se estabeleça, no trabalho analítico, limites para que o analista de discurso, na busca pela formulação, não se atenha apenas à superfície linguística. Ao buscar pelas formulações, aquilo que se lineariza no fio do discurso, não se está trabalhando com o dizer do sujeito empírico, mas o dizer colocado em relação a outras formulações, “de tal

modo que cada uma delas aparece como uma reformulação possível de qualquer formulação pertencente à rede” (Courtine, 2009, p. 94). É, portanto, na formulação que os sentidos recortados por uma formação discursiva do todo saturado (interdiscurso) se atualizam, pois, a cada nova (outra) reformulação, os sentidos respondem à outra historicidade, outras condições de produção, sem, no entanto, perder o elo que os remete a formulações anteriores. Nos termos de Orlandi (2012, p. 10): “é pela formulação que o discurso ganha contorno material, instaurando o texto”.

Por fim, o eixo da circulação, está, no meu entendimento, mais próximo do sujeito, pois refere-se justamente aos diferentes modos como os discursos se movimentam de um objeto simbólico a outro. São os trajetos que cada dizer toma, seguindo um percurso, historicizando-se de uma maneira e não de outra. Os efeitos dessa circulação afetam os sujeitos na sua relação com os sentidos, pois igualmente aos outros dois momentos, dissimula-se em evidências. Proponho um pequeno exemplo:



Imagem 1: Camiseta com a estampa “Cancel Culture” à venda na internet.  
Disponível em: [https://www.zazzle.com.br/camiseta\\_cancelar\\_cultura235912618008414048](https://www.zazzle.com.br/camiseta_cancelar_cultura235912618008414048) Acesso em: 12/03/2024

É pela via da circulação que o olhar do leitor chega ao texto, pois nessa instância “os dizeres são como se mostram” (Orlandi, 2012, p.11). A camiseta na cor escura permite o destaque às inscrições verbais e não verbais no tecido. Em letras maiúsculas e garrafais está a expressão “CANCEL CULTURE”, relacionando-se com a estamparia de diversos “homenzinhos de palito” (traço que carrega sentidos relacionados à infância, à inocência). Na primeira fileira, os personagens estão vestidos e têm suas bocas

tamponadas por um “X” na cor vermelha (presença histórica do sentido de interdição). Ao deslizar o olhar para a segunda fileira de personagens, o meu olhar topa com os bonecos despídos, menores, com as mesmas expressões interditas. Nas fileiras posteriores, apagam-se os corpos, engolidos pelo tom escuro do tecido, porém ficam os rostos, cada vez menores, cada vez mais achatados, sempre interditados.

Em jogo, ao perguntar pela constituição (O que significa “cultura do cancelamento?”), pela formulação (Por que esse dizer e essa estampa nessa camiseta?), a evidências de sentidas, ao mesmo tempo produzem e são produzidas pela “era digital”, e o olhar é seduzido ao esquecer da sua circulação, pois ela corresponde tanto à venda da camiseta em uma loja online, quanto ao propósito de fazer circular este dizer (e não outro) sobre a cultura do cancelamento. Retomando Pêcheux:

“Isso circula” como adquirimos o hábito de dizer, fazendo dessa circulação a imagem positiva de nossa modernidade discursiva liberada ou, ao contrário, a falsa moeda das línguas de vento; os turbilhões esfumaçados do “não importa o quê” destinados a chamar atenção, desviando-a “dos problemas reais”. Não é tempo de destruir essa imagem duplamente complacente da circulação, constatando o fato de que as circulações discursivas nunca são aleatórias, porque o “não importa” não é nunca “não importa”? Aquilo que, em um momento dado, irrompe no espaço de repetição discursiva, aquilo que o transforma ou movimenta-o, não resulta de não importa qual fenda, torção, modificação. (Pêcheux, 2016a, p. 28)

É, portanto, através da circulação que o analista de discurso pode apontar como a maneira que um texto é posto em movimento em nossa formação social não é neutra e que avanço para compreender as mídias digitais, em especial, as redes sociais, como condição de produção e circulação dos discursos na contemporaneidade.

### **Pensar o influenciador digital pela AD**

As redes sociais são uma importante arena de disputa dos grupos políticos, que fomentam em benefício próprio os algoritmos que distribuem conteúdos para os sujeitos-usuários, confluindo para

Imagens que saem de uma mídia para outra, da TV às interfaces das redes sociais. Nesse movimento de passagem tela a tela, elas vão se convertendo em múltiplas derivadas e podem implicar a ruptura com o sistema de representações vigente e seus mecanismos de organização simbólica. (Beiguelman, 2021, p. 170)

As condições de produção que nos constrange implicam em regimes estéticos que disputam o nosso olhar, e com ele nosso tempo de tela, buscando agenciar posições e produzir identificações com o que consumimos. Essa relação mediatizada entre as imagens e a política não é recente, mas foi agudizada nessas condições de produção e circulação. No digital, “a imagem é o próprio campo das tensões políticas” (Beiguelman,

2021, p. 173), algo que Pêcheux já tensionava quando escreveu *Papel da memória* (Pêcheux, 2015b), destacando a abertura da imagem para discursos que as atravessam.

Cabe dar relevo nessa conjuntura ao personagem *influencer* que opera um papel central nas dinâmicas estéticas e também políticas que são desenvolvidas nas redes sociais. Da exposição da vida íntima, passando por formas sutis de publicidade diluídas em cenas cotidianas, e chegando ao posicionamento exigido pela audiência, o influenciador digital é uma peça importante no direcionamento e engajamento dos sujeitos-usuários. Dinâmica essa que Han (2022) descreve como uma *dimensão religiosa*

Influenciadores do tipo de treino motivacional se comportam como se fossem redentores. Os Followers, os seguidores, se comportam como discípulos, participando de sua vida, na medida em que compram produtos que pretendem consumi-los em seu próprio cotidiano encenado. Os followers participam, assim, de uma eucaristia digital. Mídias sociais se assemelham a uma igreja: Like é amém. Compartilhar é comunicação. Consumo é redenção. A repetição como dramaturgia do influencer não leva ao tédio e à rotina. Ao contrário, dá ao todo o carácter de uma liturgia. Ao mesmo tempo, os influenciadores deixam aparecer produtos de consumo como utensílios de autorrealização. Desse modo, consumismo-nos até a morte, enquanto nos realizamos para a morte. Consumo e identidade se tornam a mesma coisa. A identidade é, ela própria, uma mercadoria. (Han, 2022, p. 18-19)

Na perspectiva discursiva, levo em conta que as posições-sujeito podem ser rearranjadas na enunciação do sujeito-influenciador, o que me faz sublinhar o papel dos influencers no agenciamento, na produção de engajamento e potencial viralização de conteúdos. O sujeito que busca o status de influenciador digital inscreve-se enquanto um agente da cadeia produtiva da atual mídia digital (Mendes, 2021). Em diferentes nichos, as personas midiáticas desempenham essa agência, mobilizando os sujeitos-usuários com textualidades que metonimizam diversas formas de narrativas de si, mobilizando-os em seus afetos, no sentido das interpelações por certos sentidos e não outros.

A discussão sobre influência e audiência me reconduz às formulações de Pêcheux (2014) para dar contornos discursivos às práticas de cancelamento. Para o autor, o funcionamento dos aparelhos ideológicos burgueses e sua estrutura de representação, pode ser visualizada em três instâncias:

- O auditório (a multidão, o “povo” no sentido cristão, os espectadores, os assistentes, os participantes etc.);
- A cena (o altar, o estrado, a barra do tribunal, a mesa de demonstração - do “sábio”, do mágico ou palhaço - o quadro-negro etc.);
- Os bastidores (a sacristia, o “vestiário” etc.); (Pêcheux, 2014, p. 215)

Pêcheux afirma, portanto, que “é na relação entre esses três lugares que se realizam os efeitos ideológicos elementares de identificação-interpelação dos sujeitos, de imputação de responsabilidade e de distribuição do sentido” (Pêcheux, 2014, p. 216). Na discussão que proponho sobre o cancelamento, o auditório (“a internet”) ganha destaque, agenciando os sujeitos na direção de suas expectativas. O cancelamento se estabelece na tensão entre a tomada de posição do sujeito-influencer (relação com formação discursiva) e o que a internet, enquanto auditório, regula que pode/deve ser dito. No bojo dessas questões que firmei o diálogo com Pêcheux (2010, 2014) no decorrer da dissertação para pensar, tanto nas formações imaginárias quanto modalidades de identificação, quando do cancelamento do sujeito-influencer por sua audiência.

Em trabalho anterior<sup>1</sup>, deburcei-me sobre dois casos de cancelamento que possuem direta relação com a cena política brasileira: o cantora Anitta, em virtude do seu não posicionamento político nas condições imediatas que circundam as eleições de 2018; e, o caso do youtuber Monark, que defendeu a legalidade de um partido nazista no Brasil, em fevereiro de 2022. Lá, pude analisar que ambos os acontecimentos estão relacionados com movimentações no tecido histórico recente, quando da realização de pleitos eleitorais nacionais. O que resulta de um modo de subjetivação cada vez mais cindido entre o empírico e o digital, o sujeito-influencer é responsabilizado através das políticas da rede, uma delas, o cancelamento, de modo, que sua punição produz outros efeitos no social, efeitos diferentes do suplício público, da condenação física, ou das vias do Direito, porque recaem sobre um sujeito que se corporifica na textura da materialidade digital.

### **O cancelamento de Jojo Todynho: estratégias políticas e formas de identificação**

O discurso de cancelamento que recortei para investir nesse terreno também é circunscrito por um pleito eleitoral - nesse caso, as eleições locais de 2024. Apresento um primeiro conjunto de recortes:

---

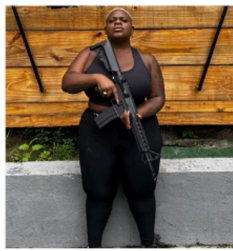
<sup>1</sup> Dissertação *Os movimentos do discurso nas práticas da cultura de cancelamento: sujeito, ideologia, mediação*, defendida em Agosto de 2024, no Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Pernambuco.

Vou ser obrigada a tomar um birinight, era melhor não ter ido.



Disponível em: <https://gloss.bz/3xsVqnu>

Vão combater a criminalidade com flores?  
Não tem nada a ver com política



Disponível em: <https://1nq.com/URNLb>

Eu tenho liberdade [para isso]. Se as pessoas tiram foto com a Janja, por que não posso tirar com a Michelle? Qual o problema?



Disponível em: <https://1nq.com/URNLb>

Que você se mantenha firme, forte, determinada e fiel aos seus princípios e valores. Com carinho, Michelle Bolsonaro e Agustin\*.



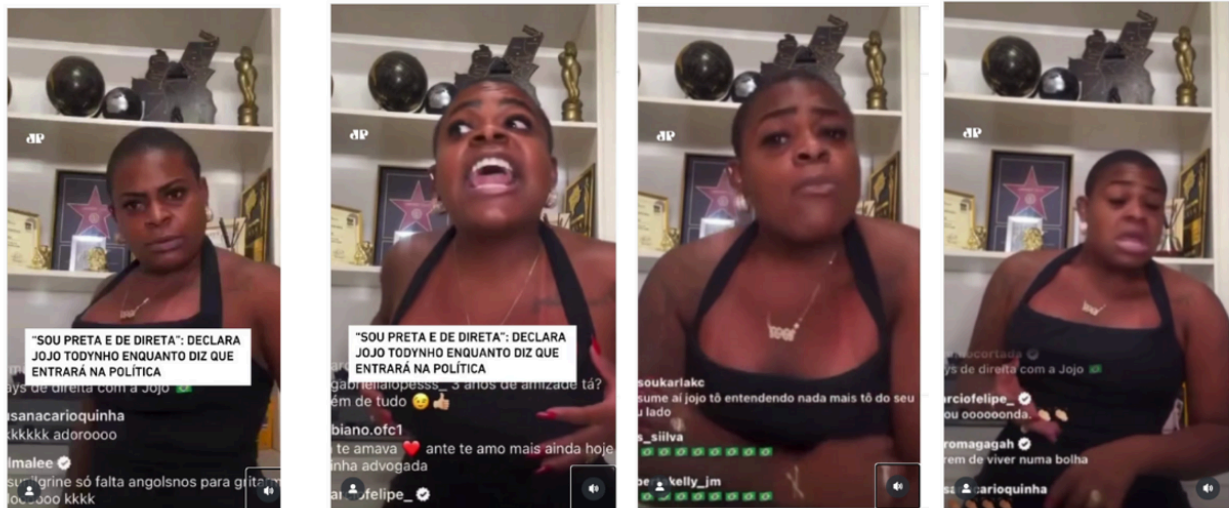
Disponível em: <https://1nq.com/URNLb>

Quando penso no cancelamento discursivamente, inclinando-me para explicitar o funcionamento argumentativo que essa prática movimenta, penso que a argumentação não se dá estritamente pelo viés linguístico, ou atrelada ainda à textos canonicamente argumentativos. Na esteira de Orlandi (2023), penso na argumentação como prática simbólica que se inscreve na história, visando produzir justamente efeitos de sustentação de posições, numa textualização que é ideologicamente estruturada. Não me deterei com mais atenção aos recortes em tela. Mas, explícito que essas publicações e declarações de Jojo Toddynho não podem passar despercebidas enquanto exercício de reconstrução de um imaginário sobre si mesma, um reposicionamento em relação à sua audiência subsidiada por posts, a maioria deles no Instagram. Nas palavras de Orlandi (2023)

As mídias digitais mudaram a gestualidade interpretativa: a relação do sujeito com a sua imagem, e da imagem com o que é dito, não precisam coincidir; o que produz uma espécie de “esfarelamento” significativo, uma dispersão afetada pelas formas de assujeitamento e os processos de identificação. (p. 65)

A partir da formulação de Orlandi (2023), entendo que há processos discursivos, que buscam produzir também certas evidências, coincidências entre o sujeito, a sua imagem e o que é dito. O confronto ideológico se marca nas imagens pela sua circulação, uma vez que reclamam sentido no íterim do nosso tempo histórico. Assim, Jojo Toddynho pode desvencilhar sua imagem da esquerda para extrema-direita, exercendo sua “liberdade” através das redes sociais, instaurando polêmicas justamente para capturar a nossa expectativa. Da retaliação à palestra sobre Direitos Humanos, a foto com um fuzil, a reaproximação com Michelle Bolsonaro (ex-primeira dama de Jair Bolsonaro e vulto da extrema-direita), até a ligação de vídeo com Bolsonaro durante sua festa de aniversário, todos os eventos são postados visando o confronto e a desidentificação da audiência com sua imagem, com o discurso que Jojo passa a representar. Passo para um segundo material:

Conjunto de recortes: Live de Jojo Todynho no Instagram



Disponível em: [https://www.instagram.com/reel/C\\_9X5R3tqpq/](https://www.instagram.com/reel/C_9X5R3tqpq/)

É oportuno destacar que o espaço enunciativo da live na plataforma do Instagram proporciona condições de dizer que são efetivas na aglutinação de um grande número de visualizações, de endereçamentos e em produzir um espaço de identificação possível entre o sujeito-influencer e os seus seguidores. Um espaço de dizer “ao vivo”, que pode ser aberto sem restrições e com pouca ou nenhuma interferência da plataforma quanto ao conteúdo transmitido. Da perspectiva aqui assumida, as lives de Jojo Todynho podem ser interpretadas como acontecimentos midiáticos que reclamam visualizações, compartilhamentos, retomadas ou ainda respostas que retroalimentam o funcionamento do entretenimento (enquanto gênero de ocupação do olhar) reiteradamente. Nas palavras de Silveira, Gallo e Pequeno (2020), ao formular e colocar em circulação o seu discurso através da live o sujeito-influenciador opera com “os processos de midiatização buscam construir o efeito de presença das massas por meio dos mais variados aparatos técnicos. Chegar às massas, para encantar, dominar, fazer sonhar, foi o objetivo da imprensa, do rádio, da televisão. Incorporar as massas, fazê-la falar, sentir, participar, foi o sonho (irrealizado?) das mídias digitais.(p. 129).

Em suas enunciações midiáticas, Jojo Todynho constrói uma personalidade discursivizada como *verdadeira, transparente e real* com seus seguidores. Ela mostra sempre a *Jojo de verdade, sincera* em seus posicionamentos. Na live em questão, Jojo fala sobre seu posicionamento político-ideológico: Para trabalhar analiticamente sobre essa tomada de posição, faça-me valer do que diz Zoppi-Fontana sobre a enunciação, pensada na perspectiva discursiva:

Como prática de um sujeito historicamente constituído pela língua e pela ideologia em relações sociais sobredeterminadas pela contradição que estrutura a formação social. Enquanto forma histórica da enunciação, a prática enunciativa se organiza como ritual estabilizado pela regularidade de modos de dizer que se repetem na história e se relacionam com determinados lugares de enunciação (Zoppi-Fontana, 2021, p. 90)

Ao tomar o dizer de Jojo, questionamos justamente sobre o modo como o lugar de enunciação incide sobre a constituição dos sentidos: É preciso se dizer preta para ser de direita? Porque essa enunciação produz esse afeto de liberdade? Quem ou o quê constrangia a posição-sujeito de Jojo à identificar-se com uma Formação Ideológica de direita? Sob quais condições a sua audiência produziu uma imagem diferente sobre ela, uma vez que “seu discurso sempre foi esse? E adicionaria: qual a eficácia simbólica dessa enunciação?

Discursivamente, estamos diante de uma questão de *interpelação* e todas as consequências que essa proposição teórica nos enseja considerar: Empíricamente, Jojo sempre pôde ser uma mulher preta de direita, a sua liberdade de crença ideológica é assegurada pela constituição de 1988, não devendo haver força econômica ou partidária que lhe constranja em fazê-lo de forma diferente. Porém, quando a enunciação de Jojo Todynho deixa de ser apenas a sua enunciação particular, quando a circulação lhe rouba a propriedade sob o fio do seu discurso, entendemos que a tomada de posição de JoJo é marcada pela contradição entre relações de raça e espectros políticos, contradição dissimulada pelo aditivo *e, que* funciona na verdade como uma adversativa: apesar de, *mas, entretanto...* Formulando-se assim como um contra-argumento, visando a desidentificação da sua audiência.

Para seguir com a análise, faço eco à provocação de Etiene Martins à época da live de Jojo: **“Por que a declaração de uma mulher preta, retinta, oriunda do subúrbio carioca se dizendo politicamente de direita causou tanta repercussão?”** Pensar nessa questão demanda uma escuta discursiva do crescimento da extrema-direita no Brasil, momento que atravessamos historicamente no tempo presente, tomando como base justamente a heterogeneidade de nossa formação social. Retomo, para essa ocasião, o gesto analítico de França, Cestari e Modesto (2023) que debruçaram-se sobre o perfil do então presidente da Fundação Palmares Sérgio Camargo, que já tomava posição como “negro de direita, antivitimista, inimigo do politicamente correto e livre”. Os autores marcam por essa ocasião a

Deslocalização do sujeito enunciador, marcada pela tensão público-privado que no digital confunde perfis particulares e institucionais e o que se pode/deve dizer em cada um deles. Essa tensão se reproduz no funcionamento do porta-voz que rompe/desrespeita a instituição, falando ao mesmo tempo em seu próprio nome e como representante da instituição. (França, Cestari e Modesto, 2023, p. 96)

Interessa-me destacar, assim, o modo de tomada de posição que costura ambas as enunciações aqui convocadas: dizer-se negro ou negra de direita e *livre*, o próprio exercício da liberdade, efeito da própria subjetivação. Nessa direção, a formação imaginária projetada pela posição da influencer é atravessada por já-ditos, já-ouvidos, elementos pré-construídos que funcionam fornecendo as evidências que sustentam a tomada de posição e produzem identificações da audiência. Estamos diante do já conhecido funcionamento da contradição, que Pêcheux (2014)

Discrepância entre a estranheza familiar desse fora situado antes, em outro lugar, independentemente (o pré-construído) e o sujeito responsável, identificável, que dá conta de seus atos [...]. O sujeito, pela sua ignorância, pode se submeter a essa contradição, ou apreendê-la por meio de sua agudeza de espírito. (p. 142)

Pensando nos discursos canceladores, esses que execraram JoJo Toddyinho após sua live, a contradição aparece mascarada como *motivos* para que o sujeito sofra o cancelamento. É quando o dizer não mais sustenta a identificação do influencer que ele é cancelado, porque seu discurso não mais representa sua prática. Entretanto, o que Jojo reclama e toma como argumento a **liberdade**, é que **vocês já sabiam. Meu discurso sempre foi esse!** A repercussão da live de Jojo, quando abordada no íterim da discursividade colonizadora e racializada (França, Cestari e Modesto, 2023), em muito tem haver com a produção de uma narratividade negacionista por parte da extrema direita, que dilui as tensões raciais, através do discursos que pregam igualdade e meritocracia, em favor da manutenção da velha hierarquia da branquitude.

Mas, no que tange à prática de cancelamento enquanto ritual de punição do sujeito-influencer, entendo-o, como já adiantei, que essa prática se estabelece na tensão entre a tomada de posição do sujeito-enunciador (relação com a formação discursiva) e o que a sua audiência regula que pode/deve ser dito.

Na escrita da dissertação, propus, ainda que provisoriamente, pensar nessa articulação entre a FD com a qual se identifica o sujeito-influencer, a audiência e seu gesto de tomada de posição, conforme Pêcheux (2014):

| Tomada de posição em Michel Pêcheux                       | Caracterização evidente do sujeito em Michel Pêcheux | Tomada de posição do sujeito na Cultura do Cancelamento | Caracterização evidente do sujeito na Cultura de Cancelamento |
|-----------------------------------------------------------|------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------|
| IDENTIFICAÇÃO COM OS SABERES DA FORMAÇÃO DISCURSIVA       | "Bom Sujeito"                                        | <b>CANCELADO NA/PELA INTERNET</b>                       | Não reconhece seus "erros/crimes".                            |
| CONTRAIDENTIFICAÇÃO COM OS SABERES DA FORMAÇÃO DISCURSIVA | "Mau Sujeito"                                        | <b>DESCANCELADO NA/PELA INTERNET</b>                    | Reconhece seus "erros/crimes".                                |
| DESIDENTIFICAÇÃO COM OS SABERES DA FORMAÇÃO DISCURSIVA    | Tomada de posição não evidente                       | <b>INCANCELÁVEL NA/PELA INTERNET</b>                    | Passa a se dirigir a outro público/expectador.                |

Tabela 4: As tomadas de posição do sujeito nos discursos de e sobre o cancelamento. Formulada com base em Pêcheux (2014a) e no arquivo da pesquisa.

Nessa medida, o sujeito cancelado relaciona-se com o “bom sujeito” pecheuxtiano, aquele cuja tomada de posição do sujeito-enunciador recobre plenamente os saberes da formação discursiva (identificação). Sob efeito dos esquecimentos constitutivos, o sujeito cancelado é aquele que quebra com a expectativa do auditório, expressando no fio do seu discurso os saberes da FD que o interpela.

Já o sujeito descancelado relaciona-se com o “mau sujeito” pecheuxtiano, ou seja, quando a tomada de posição do sujeito-enunciador afasta-se (pelo questionamento, dúvida, contestação, revolta) dos saberes da formação discursiva que o interpela (contra identificação). Dessa forma, sob efeito dos esquecimentos constitutivos, o sujeito descancelado corresponde à expectativa do auditório, expressando no fio do seu discurso a retratação por aquilo que foi dito.

De forma menos evidente, está o sujeito incancelado, que trabalha sob efeito da desidentificação, tal como formula Pêcheux (2014), ou seja, um trabalho do ideológico sob si mesmo, de modo que o sujeito rompe com os saberes da formação discursiva, deslocando-se para as fronteiras de outra FD (desidentificação). Assim, o sujeito incancelado, movimenta-se na rede (digital e de sentidos) para outros lugares, estabelecendo uma relação com outro auditório. Cabe salientar que nessa última modalidade de tomada de posição, não há um deslocamento para o exterior do ideológico, pois, conforme Grigoletto (2005, p. 64), “a interpelação ideológica continua a funcionar, de certo modo, às avessas, isto é, contra e sobre si mesma, dando sustentação a uma nova prática”. De tal modo ocorre também na dinâmica do cancelamento, pois, ao

estabelecer relação com outras plataformas, forjando outros espaços de circulação do dizer, o sujeito estabelece mais uma vez sua relação com o auditório.

No caso de Jojo Toddynho, o cancelamento serviu como estratégia para que seu auditório passasse a ser outro. Uma manobra ideológica que estava mais interessada em produzir afetos nos/pelos sujeitos-usuários identificados com a extrema-direita. Nessa estratégia, o Shitstorm, para utilizar da expressão de Byung Chul-Han, no livro *No enxame* (, é direcionado para uma direção, produzindo barulho, agitações na rede digital para que o sujeito-usuário possa se direcionar para um auditório outro, cuja as filiações de sentido e os percursos de memória estão aptos a lhes forjar um novo alibi.

### **Para concluir (mas não encerrar...)**

Para encerrar esse momento, buscarei retomar algumas considerações que me sobressaltaram no percurso da dissertação. Começo retomando os primeiros estudos sobre essa prática no campo da Sociologia da Informação. Nesse campo, Pippa Norris o definiu enquanto estratégia que

Usa as mídias sociais digitais para envergonhar os indivíduos com a intenção de aplicar penalidades com diferentes graus de severidade, que vão desde limitar o acesso a plataformas públicas ao prejuízo de reputações e encerramento de carreiras, instigando ainda processos legais. (Norris, 2020, p. 3 - tradução livre)

Ou seja, como decorrente do encontro (agenciamento) de uma demanda social com as mídias digitais que “horizontaliza[m] as lutas contemporâneas, que passam a ter uma estrutura marcada pelo acesso mais democrático proporcionado pela rede (Lourenço Costa, 2021, p. 331), emerge a prática de tornar não apenas visível, mas também notórias as práticas que não convergem para o interesse ou a inscrição de determinado grupo social, grupo esse que compõe, ao menos em parte a audiência do sujeito-cancelado. Desse encontro e estratégias, resultaria como efeito o cancelamento, ou seja, o boicote a esses sujeitos delituosos.

Essa racionalização, entretanto, sustenta-se na evidência de sentido que retoma uma memória vigilante e punitiva, em que o discurso corresponde de modo linear à prática. Foi preciso, para continuar com essa pesquisa, questionar essas evidências, desconfiando dos discursos explicativos, apaziguadores, que mascaram o confronto e que “nas atuais condições de assujeitamento político e ideológico do capitalismo [...] produz novas articulações entre o racional e o irracional” (Pêcheux, 2015, p. 87).

O boicote e a retirada de apoio são tomados, inicialmente, como uma forma, como uma pedagogia, no sentido mais raso do termo. Não a pedagogia em que o ensino é uma atividade dialógica e de escuta do outro, mas aquela em que o ensinar é reproduzir e modular os sujeitos em uma única via. Nessa direção,

Mesmo que a premissa do cancelamento se intitule como uma forma de responsabilizar os sujeitos por seus discursos e posturas sexistas, machistas, racistas, lgbtqfóbicos e atitudes que ferem ou deslegitimam outras comunidades e movimentos subalternos, seu uso e sua perpetuação nos espaços virtuais são paradoxos, visto que o foco do cancelamento não está na retratação ou reflexão sobre o que foi proferido, mas sim no redirecionamento de toda a fúria a quem proferiu algo. O que aprendemos de fato com a “cultura do cancelamento” e com suas pedagogias é que não se pode errar, em hipótese alguma. Aprendemos a vigiar todas as falas e pessoas que não são recíprocas aos nossos pensamentos. Essa pode ser a pedagogia do cancelamento: educar para o silêncio, para a acriticidade, para a despolitização. (Ramos, 2021, p. 2645-2646)

O trajeto analítico e as proposições teóricas que fiz até aqui, no entanto, apontam para o desgarramento da prática de cancelamento da sua base ideológica mais evidente, pois o cancelamento de Jojo Todynho por ser “uma mulher preta de direita” e as consequentes perdas financeiras decorrentes de quebra de contrato, não reduziram o acesso, ao contrário, potencializam a circulação de um discurso que argumenta em favor da liberdade, da tolerância e do pensamento múltiplo. Jojo Todynho passa a ser reconhecida agora como uma mulher que desafiou a militância, cansou do mimimi, tem o suporte dos que se identificam com sua posição, as mulheres de direita, as pessoas trans de direita, as pessoas lgbtqiapn+ de direita, os imigrantes de direita, os indígenas e toda espécie de identificação às avessas que as atuais condições de volatilização do real (utilizando o termo de Orlandi) possam proporcionar a emergência.

Enquanto analista do discurso em formação, entendo este ser um movimento sintomático que viabiliza a produção de inteligibilidades sobre as mutações do discurso político diante das condições de produção do digital, as formas insurgentes de identificação e representação político-partidárias que agora criam laços através das redes sociais, com seguidores que consomem orientações ideológicas, agenciamentos e afetos nas e pelas telas dos smartphones. Não podemos perder de vista esses sinais de reviramento na discursividade contemporânea, precisamos acolher as divisões e trabalhar nelas a produção de outros afetos políticos.

Enfrentar essa popularidade da extrema direita nas redes sociais e o seu mega engajamento entre os sujeitos-usuários, demanda da escuta discursiva a sensibilidade de perceber que “a luta de classes não é simétrica, e que contra-identificação estratégica ao adversário é um engano” (Pêcheux, 2015, p. 91). O investimento em táticas como o

cancelamento tornar-se-á cada vez mais comum do lado de lá, porque a direita nunca se furtou de forjar sua própria Narratividade (Mariani, 1996). Do lado de cá, defendo uma posição hacker, estrategista, forjada na ética do gesto de interpretação, agarrando-se justamente nas falhas e vulnerabilidades que todo processo discursivo deixa em aberto, ou seja, uma posição que viabiliza a desestruturação dessas estratégias pela antecipação, pelo desmonte dos argumentos, no enfrentamento da polêmica no mesmo terreno, como fez a deputada Erika Hilton, no programa *De Frente com Blogueirinha no Youtube*.

Pois, a interpelação ideológica não é uma via única, e o assujeitamento não se dá de modo horizontal e simétrico com todos os sujeitos. Ou, nas palavras de Pêcheux, a quem eu cito derradeiramente, “a ideologia da manipulação fracassa em discernir o que circula entre *todo mundo e ninguém*, entre cada um e os outros, entre os quem-de-direito, os representantes e os irresponsáveis” (2015, p. 92). Para virar o jogo nas redes sociais, e nos pleitos eleitorais vindouros é preciso aceitar e jogar com esse fracasso.

## REFERÊNCIAS

- BEIGUELMAN, G. *Políticas da imagem: vigilância e resistência na dadosfera*. São Paulo: Ubu, 2021.
- CARVALHO, João Victor da Silva. *Os movimentos do discurso nas práticas da cultura de cancelamento: sujeito, ideologia, midiaticização*. 154 f. Dissertação (Mestrado em Letras) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2024.
- COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EdUFSCAR, 2009.
- FRANCA, G. A.; CESTARI, M. J.; MODESTO, R. Foi Palmares mesmo que você disse?. *Revista Letra*, v. 105, p. 86-108, 2022.
- GALLO, S.L. Sobre a materialidade Digital. In: GRIGOLETTO, E.; DE NARDI, F. S.; SOBRINHO, H. F. S. (Org.). *Sujeito, Sentido, RESISTÊNCIA: entre a arte e o digital*. 1ed.Campinas: Pontes, 2019, v. 1, p. 185-200
- GRIGOLETTO, E. A noção de sujeito em Pêcheux: uma reflexão acerca do movimento de desidentificação. *Revista da língua(gem)*, Vitória da Conquista, n. 1, p. 61-67, jun. 2005.
- HAN, B.-C. *Infocracia: digitalização e crise da democracia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.
- HAN, B.-C. *No enxame: perspectivas do digital*. Petrópolis, RJ : Vozes, 2018.
- LAGAZZI-RODRIGUES, S.M. Texto e Autoria. In: ORLANDI, E.P. F.; LAGAZZI-RODRIGUES, S.M. (orgs.). *Introdução às Ciências da Linguagem: Discurso e Textualidade*. 3ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2017.
- LOURENÇO COSTA, J. Espaço híbrido e o protagonismo da hashtag. *Revista Heterotópica*, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 328–342, 2021. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/RevistaHeterotopica/article/view/59117>. Acesso em: 16 out. 2025.
- MARIANI, B. S. C. *O comunismo imaginário: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989)*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996. 256 p.
- MENDES PEREIRA, J. M. Influência Digital e Publicidade: fundamentos teórico-práticos de um hibridismo instrumental. *Rizoma*, [S. l.], v. 9, n. 2, 2021. DOI: 10.17058/rzm.v10i1.17066. Disponível em: <https://seer.unisc.br/index.php/rizoma/article/view/17066>. Acesso em: 16 out. 2025.
- NORRIS, P. Closed minds? Is a “cancel culture” stifling academic freedom and intellectual debate in political science? HKS Working Paper, núm. RWP20-025, (2020) Estados Unidos: Kennedy School of Government, Harvard University. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3671026> . Acesso em: 01/11/2025.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e Texto: formulação e circulação de sentidos*. 4ª. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Interpretação – Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 5ª. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Argumentação e Análise de Discurso: conceito e análises*. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2023.
- PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.
- PÊCHEUX, M. Foi “Propaganda” mesmo que você disse? In: ORLANDI, E. P. (org.). *Análise do Discurso – Michel Pêcheux*. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.
- PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. (org.). *Papel da Memória*. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015b.
- RAMOS, E. M. C. A “cultura do cancelamento” e suas pedagogias. In: IRINEU, B. A. et al. *Diversidade sexual, étnico-racial e de gênero: saberes plurais e resistências*. Vol. 1. Editora Devires, 2021.
- SILVEIRA, Juliana; GALLO, Solange; PEQUENO, Vitor. Live: presença, ausência e corpo em isolamento. *Diálogos Pertinentes: Revista Científica de Letras*, v. 16, p. 123-141, 2020.
- ZOPPI-FONTANA, Mónica Graciela. Pós-verdade e enunciação política: entre a mentira e o rumor. In: CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice; PIOVEZANI, Carlos (org.). *Discurso e (pós)verdade*. São Paulo: Parábola, 2021. p. 87–104.

### **Declaração de conflito de interesse**

Declaro que não há conflito de interesses na autoria do artigo.

### **Declaração de disponibilidade de dados da pesquisa**

O conjunto de dados deste estudo foi parcialmente disponibilizado no Attena (Repositório Institucional da Universidade Federal de Pernambuco) e pode ser acessado em <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/58620>.

## Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.